

JULHO | VOL 3 | N.º 1
Ano 2018

Revista da Rede Internacional de
Investigação-Ação Colaborativa



ESTREIADIALOGOS

estreiadialogos@gmail.com

EQUIPA EDITORIAL

DIRETORA DA REVISTA

Maria Assunção Flores

CONSELHO DE REDAÇÃO

Ana Margarida Veiga Simão, Universidade de Lisboa, Portugal

Ana Maria Silva, Universidade do Minho, Portugal

Carlos Silva, Universidade do Minho, Portugal

Donizete Daher, Universidade Federal Fluminense, Brasil

José da Silva Ribeiro, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Brasil

Irma Brito, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal

Lurdes Carvalho, Universidade do Minho, Portugal

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, Universidade Católica de Santos, Brasil

Mariangela Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rinaldo Molina, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alice Yamasaki, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Ana Isabel Andrade, Universidade de Aveiro, Portugal

Ana Paula Caetano, Universidade de Lisboa, Portugal

André Moisan – CNRS, Laboratoire LISE – CNAM, Paris

Clara Coutinho, Universidade do Minho, Portugal

Cristina Parente, Universidade do Minho, Portugal

Danilo Romeu Streck, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Denise Meyrelles de Jesus, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Edna Maria Goulart Joazeiro, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elsa Lechner, Universidade de Coimbra, Portugal

Eneas Rangel Teixeira, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Fátima Vieira, Universidade do Minho, Portugal

Fernando Ilídio Ferreira, Universidade do Minho, Portugal

Flávia Vieira, Universidade do Minho, Portugal

Isabel Freire, Universidade de Lisboa, Portugal
José Luís Silva, Universidade do Minho, Portugal
Lia Oliveira, Universidade do Minho, Portugal
Lina Márcia Berardinelli, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Maria Alfredo Moreira, Universidade do Minho, Portugal
Maropeng Modiba, Universidade de Joanesburgo, África do Sul
Michel Thiollent, UNIGRANRIO/PPGA - Rio de Janeiro, Brasil
Palmira Alves, Universidade do Minho, Portugal
Reyes Quezada, Universidade de San Diego, EUA
Roman Švaříček, Universidade de Masaryk, República Checa
Ruth Balogh, Universidade de Glasgow, Reino Unido
Sandy Stewart, Universidade de Joanesburgo, África do Sul
Sigrid Gjøtterud, Norwegian University of Life Sciences, Noruega
Sonia Acioli de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Vera Maria Saboia, Universidade Federal Fluminense, Brasil

ASSISTENTES EDITORIAIS

Catarina Sobral
Diana Mesquita
Marco Bento

ISSN 2183-8402

FINALIDADES E ÂMBITO DA REVISTA

AIMS AND SCOPE OF THE JOURNAL

A Revista ESTREIADIÁLOGOS pretende constituir um espaço para disseminar trabalhos que procurem articular investigação e prática em contextos ligados à educação, aos estudos da criança, à saúde, à intervenção comunitária e ao serviço social, entre outros. A revista visa promover e divulgar projetos de investigação-ação em vários domínios através de uma variedade de formatos bem como contribuir para consolidar, fundamentar e dar visibilidade à investigação-ação, incluindo as questões metodológicas, epistemológicas e éticas que lhe estão inerentes. A ESTREIADIÁLOGOS surgiu na sequência da criação da Rede Internacional de Investigação-Ação Colaborativa (www.estreiadialogos.com), em novembro de 2015, no âmbito do Congresso Internacional Anual da Collaborative Action Research Network (CARN). A ESTREIADIÁLOGOS visa encorajar e apoiar projetos que contribuam para aprofundar o debate em torno das questões teóricas e metodológicas que caracterizam a investigação-ação através do estabelecimento de parcerias e do trabalho em rede. Para mais informações, ver site da ESTREIADIÁLOGOS.

POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DOS ARTIGOS

PEER REVIEW POLICY

Todos os artigos submetidos à ESTREIADIÁLOGOS serão objeto de análise por parte da direção da revista no sentido de serem verificados aspetos relativos à pertinência e enquadramento dos mesmos no âmbito da revista, sendo, posteriormente, submetidos a um processo rigoroso de revisão por pares, por, pelo menos, dois pareceristas, membros do Conselho Científico. Se necessário, serão solicitados outros pareceres. As decisões serão comunicadas aos autores juntamente com o feedback sobre o manuscrito.

PREPARAÇÃO E SUBMISSÃO DOS MANUSCRITOS

PREPARATION AND SUBMISSION OF MANUSCRIPTS

LÍNGUA

LANGUAGE

São aceites artigos em Português, Francês, Inglês e Espanhol

DIMENSÃO

WORD LIMIT

Os artigos deverão ser originais e não deverão exceder as 6000 palavras, incluindo resumo, corpo do texto, tabelas, figuras e referências. Os autores devem indicar o número de palavras aquando da submissão do artigo.

RESUMO

ABSTRACT

Os resumos deverão ser redigidos na língua original e em Inglês, não devendo ultrapassar as 200 palavras.

PÁGINA INICIAL

INITIAL PAGE

Em folha separada os autores deverão colocar o título do artigo (que deverá ser conciso e informativo), os resumos, na língua original e em Inglês, bem como entre 3 e 5 palavras-chave (nas duas línguas). Devem ainda incluir a identificação, afiliação institucional e morada completa dos autores, incluindo país, email e telefone e indicar o autor a contactar para assuntos relacionados com o manuscrito (*corresponding author*).

TEXTO PRINCIPAL

MAIN TEXT

Os autores devem preparar dois exemplares do manuscrito: um com a identificação dos autores e outro sem a identificação dos autores, o qual será enviado para avaliação por parte de, pelo menos, dois pareceristas (blind review)

ANEXOS

APPENDICES

No caso de existir mais do que um anexo, estes devem ser identificados utilizando para o efeito A, B, C, etc.

QUADROS E FIGURAS

TABLES AND FIGURES

Os quadros e figuras devem ser numerados sequencialmente e apresentados em folhas separadas, em formato editável, incluindo legenda. A sua localização deve ser indicada no corpo do texto (referindo, por exemplo, INSERIR QUADRO APROXIMADAMENTE AQUI).

Aquando a submissão, os autores devem declarar que o manuscrito não foi submetido a outra revista, que respeita as normas da revista, que sobre ele não recaem conflitos de interesse e que foram salvaguardadas as questões éticas de investigação em vigor no contexto onde o estudo foi conduzido.

As opiniões e o conteúdo dos manuscritos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os artigos deverão ser submetidos através do email: estreiadialogos2016@gmail.com

Todas as submissões serão feitas em suporte eletrónico, num ficheiro com um formato que seja legível pelo programa Microsoft Word, e que possibilite a inclusão de formatação adequada (e.g., doc, docx, rtf). O formato odt (Open Office) deverá ser evitado, visto que alguns revisores poderão não ter software

compatível. Não serão aceites submissões em formato pdf, visto que este formato não pode ser editado pelos processadores de texto correntes.

REFERÊNCIAS

REFERENCES

As referências devem ser ordenadas alfabeticamente, seguindo as normas do Publication Manual da American Psychological Association (APA), 6th Ed., 2010.

Exemplos:

Livro: Adiga, A. (2009). *O tigre branco*. (2ª ed). Lisboa : Presença

Cap. de livro: Hughes, D., & Galinsky, E. (1988). Balancing work and family lives: Research and corporate applications. In A. E. Gottfried & A. W. Gottfried (Eds), *Maternal employment and children's development* (pp. 233-268). New York: Plenum.

Artigo de Revista: Almeida, C.M., Ferreira, A. M., & Costa, C. M. (2010). Aeroportos e turismo residencial: Do conhecimento às estratégias. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 13/14 (2), 473-484.

Comunicação em Conferência: Nicol, D. M., & Liu X. (1997). The dark side of risk (what your mother never told you about time warp). In *Proceedings of the 11th Workshop on Parallel and Distributed Simulation, Lockenhaus, Austria, 10–13 June 1997* (pp. 188–195). Los Alamitos, CA: IEEE Computer Society.

Dissertação/Tese defendida: Carlson, W. R. (1977). *Dialectic and rhetoric in Pierre Bayle*. (Tese de doutoramento não publicada). Yale University, USA.

Publicações sem data: Altherr, J. (s.d.). *La casa de los niños: diseño de espacios y objetos infantiles*. Barcelona: Gamma.

Nota: Obras a aguardar publicação indica-se (no prelo) para portugueses (in press) para ingleses

NOTAS

FOOTNOTES

As notas devem ser reduzidas ao mínimo e numeradas sequencialmente, devendo ser incluídas no final do texto, antes das referências.

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGEMENTS

Os agradecimentos devem aparecer como primeira nota antes das referências.

DIREITOS DE AUTOR
COPYRIGHT

Os artigos aceites deverão ser objeto de declaração de transferência dos direitos de autor para a ESTREIADIÁLOGOS.

ÍNDICE

Editorial

Dossiê: Pesquisa-ação em diferentes feições colaborativas.....	9
O caráter formativo da pesquisa-ação em educação.....	15
Contribuições emancipatórias da pesquisa-ação na formação contínua dos professores.....	31
Desafios na formação do pesquisador da prática profissional	41
O estágio curricular e a pesquisa-ação: reflexões e práticas na formação de professores	55
Processos coletivos de aprender-ensinar entre escola e universidade pública na formação docente	71
Um curso de formação continuada de professores como locus de pesquisa-ação: relato de experiência.....	89
Para além da relação “pesquisador-pesquisado”: contribuições de uma pesquisa-formação construída com coordenadoras pedagógicas iniciantes	105
Perspectivas da Pesquisa-Ação na Educação Física Escolar: indícios a partir de programas de pós-graduação	123
Ateliê didático: reverberações da didática sensível na formação de professores universitários	141

EDITORIAL

Editorial: Dossiê: Pesquisa-ação em diferentes feições colaborativas

O presente dossiê pretende realizar uma tessitura entre diferentes feições que a Pesquisa-Ação colaborativa pode apresentar como investigação da complexa realidade dos fenômenos sociais e, especialmente, daqueles que se realizam na perspectiva educativa. Considera-se que a realidade educacional é demasiadamente múltipla e contraditória, mas o nosso conhecimento sobre esta realidade, nem sempre se deu na mesma relação desta sua complexidade.

Esse dossiê procurará realçar a Pesquisa-Ação como uma atitude investigativa que tem como pressuposto a concomitância entre a pesquisa, ação e a imbricação fundamental entre pesquisador e os sujeitos da ação, sendo que no processo, estes devem ir se constituindo também, como pesquisadores da prática. O olhar tem sido de aposta, o que não caracteriza ou responsabiliza a pesquisa-ação como a salvação, mas sim como empoderamento de todos os envolvidos (Effen, 2016).

Na última década percebe-se o crescimento de pesquisas voltadas à perspectiva formativa, pedagógica, colaborativa e, fundamentalmente crítico-colaborativa. Sabe-se que há diferenças nestas nomenclaturas, no entanto “o que as une é a perspectiva de que os processos de P-A devem se estruturar de forma coletiva e participativa, sempre com anuência, consentimento e compromissos partilhados coletivamente”, conforme já escrevi e aqui realço (Franco, 2005).

Consideramos que a transformação de uma ação pedagógica em práticas colaborativas ocorre na medida em que pesquisadores e práticos engajem-se em processos mútuos de aprender-ensinar; de estranhar-compreender. Esta perspectiva implica na superação da compreensão de que os sujeitos sejam para os pesquisadores, simples objetos de estudo; para se adentrar num processo vivencial de vida e formação, onde a contribuição entre as pessoas envolvidas os sujeitos seja cercada de mutualidade e enriquecimento para ambos. Trata-se de pesquisar juntos, com os sujeitos e superar o estudar sobre os sujeitos, ou mesmo para os sujeitos.

Para tanto, é preciso tempo e espaço para que pesquisadores e sujeitos da prática sejam, ao mesmo tempo, participantes e protagonistas. É preciso ainda, uma grande ruptura nos modos de escuta e de participação entre os sujeitos. Trata-se de uma nova epistemologia da construção coletiva de conhecimentos entre pesquisadores e pesquisados, agora vistos como comunidade de pesquisadores articulando afeto e razão; emoções e valores. Trata-se de questionar e ultrapassar a “tradição racionalista e técnica de separação entre os que pensam o ensino e os que o praticam” (Vieira, 2016, p. 23).

Entende-se, conforme Barbier (2002), que não há como compreender o mundo afetivo sem estar junto, fazer parte, ser constituinte nesse processo de conhecimento, sem ser actante na expressão do autor. O sujeito pode ser um indivíduo ou grupo, e o pesquisador, também pode ser um ou um grupo pesquisador. O termo coletivo significa junto com o outro. O pesquisador implicado reconhece seu lugar na organização social ressignificando os interesses que orbitam ao seu redor. A sua implicação implica o outro e o envolve na participação. Pressupõe trabalhar junto, examinar, avaliar e se responsabilizar em conjunto, estabelecendo relações responsáveis e democráticas.

Essa questão de que a participação não é, a princípio, natural, reporta-nos ao grande problema da pesquisa-ação: participação induzida pode produzir processos emancipatórios ou, conforme crítica de Ellsworth (1989), essa participação funcionaria apenas como mais um “mito repressivo” que imporá ao grupo interpretações da realidade elaboradas pelo pesquisador? São riscos implícitos à pesquisa-ação e cabe ao pesquisador esclarecer, partilhar essas possibilidades de risco e trabalhar com processos pedagógicos que, aos poucos, vão inserindo os sujeitos nos processos, nos conteúdos, nas teorias. Concordamos com Gadamer (1992) quando realça a necessária ação política para abrir a possibilidade de participação quando esta não existe. Considerando essa perspectiva, analisamos a pesquisa-ação como prática que requisita ser intermediada por processos pedagógicos (Franco, 2005), de forma a possibilitar aos sujeitos, o exercício do direito de começar a pensar e a produzir conhecimentos por si mesmo.

É fundamental realçar que participar não é apenas estar presente e responder a solicitações. A participação envolve, como nos alerta Barbier (2002), o reconhecimento do outro como sujeito de desejo, de intencionalidade, de possibilidade solidária, de emoções. Considerá-lo nesta integralidade permite abrir espaços de permissão à participação como sujeito inteiro, actante, diferente e fundamental ao grupo.

O coletivo investigativo começa a existir quando cada sujeito se sente “inteiro e próprio”; percebe-se que tem um papel a desempenhar, uma história a contar; uma interpretação que

lhe é pertinente. Essa inteireza de cada sujeito acolhido no grupo produz o desejado clima de grupo; que é um clima de conflito, de contradições, de rupturas, o que faz com que a negociação de sentidos flua como categoria fundamental, nesta forma de pesquisa. Sem esse clima não há pesquisador coletivo. Enquanto as relações forem geladas, passivas, obedientes, totalmente consensuais, não há pesquisa colaborativa, instalada na ação que empreendem.

Consideramos que a pesquisa-ação colaborativa pode impactar a formação de professores, criando condições de autonomia e maior segurança no exercício da prática cotidiana (empoderamento). Contribuindo, acima de tudo, para criação de sentido compartilhado das práticas que os sujeitos exercem. Sabemos que o trabalho colaborativo é uma estratégia importante na solução de problemas difíceis de serem superados de forma individual (Figueiredo & Veiga Simão, 2014). O nosso olhar tem sido de aposta. Isso não caracteriza ou responsabiliza a pesquisa-ação como a salvação, mas sim como empoderamento dos sujeitos envolvidos numa continuidade.

Em 1997, Kincheloe argumentado que apesar do conhecimento científico ter caminhado nas últimas décadas, lamentavelmente, esse conhecimento produzido não foi suficiente para melhorar o ensino ou fortalecer o poder dos professores. Pautado em Elliot (1991) e Lincoln e Guba (1985) ele afirma que a pesquisa educacional tem produzido generalizações que têm servido para deslegitimar as experiências dos professores, uma vez que tais generalizações são apropriadas pelos legisladores como prescrições técnicas, que são utilizadas para avaliar aquilo que se estipula como sendo um bom ensino. Essa lógica acaba desencorajando os professores a buscarem soluções criativas e próprias para desenvolverem seus saberes profissionais da docência. Assim analisa que a teoria educacional acaba sendo percebida como ameaçadora aos docentes, uma vez que, sem considerar a própria experiência do professor, a teoria paira sobre ela como uma entidade imutável (Kincheloe, 1997, p.30).

Desgagné (2007) compreende a pesquisa colaborativa como uma atividade conjunta entre pesquisadores da universidade e professores das escolas, onde se tornam necessários três aspectos fundamentais, que são inerentes a esta perspectiva investigativa: a co-construção de saberes entre os parceiros; a articulação entre a produção de conhecimentos e o desenvolvimento profissional e a mutualidade entre a comunidade acadêmica e a escolar.

O autor defende que o conceito de colaboração se apoie na reciprocidade entre os parceiros a participarem do projeto de investigação. Neste caso, segundo ele, estas pesquisas rebatem tanto no avanço nos conhecimentos da pesquisa educacional, como na criação de subsídios críticos para a melhoria da prática.

Pensando na relevância desta forma de pesquisar e nos benefícios que podem ser produzidos, tanto na configuração dos saberes pedagógicos, como no conhecimento dos meandros das práticas docentes cotidianas, é que convidamos alguns pesquisadores, com experiência nesta prática colaborativa para que, aliados a seus co-autores, participantes e protagonistas da pesquisa, apresentassem suas reflexões de forma a ampliar nossa compreensão das possibilidades e limites da pesquisa –ação colaborativa.

1. No primeiro artigo, denominado “O caráter formativo da pesquisa-ação em educação”, de Otília Dantas, a autora analisa as pesquisas de alguns autores que estudam a pesquisa-ação e seus rebatimentos na melhoria da prática docente, realçando as possibilidades desta modalidade investigativa em produzir práticas emancipatórias e com sentido aos docentes;

2. \Elcimar Martins, Janine Coelho e Osmar Hélio Araújo, seguem na mesma perspectiva buscando em “Contribuições emancipatórias da pesquisa-ação na formação contínua de professores” o caráter emancipatório desta perspectiva investigativa e realçam, que a pesquisa-ação, atrelada à Pedagogia Crítica, é um processo investigativo/formativo de caráter colaborativo, o que funciona como base para uma educação crítica e comprometida.

3- A seguir acompanharemos a pesquisa de Marli André, “Desafios na formação do pesquisador da prática profissional”, onde a autora analisa um caso de investigação-ação cooperativa desenvolvido por uma diretora escolar em uma escola da rede pública de ensino fundamental que envolveu um processo formativo em colaboração com professores, através da reflexão crítica fundamentada e no uso de procedimentos sistemáticos de produção de dados.

4- Apresenta-se seguidamente o artigo de Roberta Abreu e Dídima Andrade, que utilizaram a pesquisa-ação como dispositivo pedagógico para organizar o estágio curricular na formação de docentes. No trabalho denominado “O estágio Curricular e a pesquisa-ação: reflexões e práticas na formação de professores”, as autoras concluem que a pesquisa-ação contribui para fomentar o protagonismo de docentes na prática dos estágios curriculares.

5- Adiante podemos apreciar o artigo “Processos coletivos de ensinar-aprender entre escola e universidade pública na formação docente” de Sueli de Lima Moreira e seu coletivo investigador. Analisam através de um Projeto de Extensão, um grupo de professores e estudantes de escolas e universidade pública, autointitulado Coletivo Investigador, desenvolveu o fórum de relações entre escolas e universidade com o objetivo de aproximar a pesquisa do cotidiano escolar na formação docente. Os resultados indicam caminhos que colaboram para a superação de estruturas preestabelecidas que marcam as relações escola-universidade.

6- Continuando temos o artigo de Ivan Fortunato, denominado “Um curso de formação continuada de professores como lócus de pesquisa-ação: relato de experiência”, onde discute as possibilidades da profissionalização docente, as contingências do trabalho e autoformação, através da pesquisa-ação colaborativa.

7. Vera Placco e Rodnei Pereira escrevem o próximo artigo com o título “Para além da relação pesquisador-pesquisado: contribuições de uma pesquisa-formação” construída com coordenadoras pedagógicas iniciantes. Os autores utilizam a pesquisa-ação colaborativa para fundamentar a prática de coordenadores pedagógicos em início de carreira e compreenderam que as experiências vividas em grupo trouxeram contribuições para fortalecer o grupo, para a sua atividade profissional na coordenação pedagógica e para que os pesquisadores pudessem se encontrar com novas perspectivas de estudo, planejamento e condução de processos investigativos em Educação.

8- O próximo artigo irá focar as atividades na educação física escolar. Escrito pelo trio de pesquisadores Luciana Venâncio, Luiz Sanches Neto e Mauro Betti, o artigo “Perspectivas da pesquisa-Ação na Educação Física Escolar: indícios a partir de programas de pós-graduação” teve por objetivo investigar como analisar como a pesquisa-ação tem sido concretizada, realizada ou praticada nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação em educação física. Consideraram que os pressupostos da pesquisa-ação têm subsidiado teórico-metodologicamente, contudo, concluíram que os programas estão submetidos à lógica míope de produtividade, o que prejudica o percurso formativo e o avanço qualitativo da formação, na perspectiva da pesquisa-ação.

9 – Para finalizar contamos com a investigação de Cristina D’Ávila, Giovanna Zen e Lucia Gracia Ferreira com o artigo “Ateliê didático: reverberações da didática sensível na formação de professores universitários”. Trata-se de uma pesquisa-formação que se insere no campo da pedagogia universitária, mais especificamente, no campo da Didática voltada para o Ensino Superior, buscando articular o saber sensível e os saberes pedagógicos em docentes, através dos ateliês formativos e cooperativos.

Esperamos que a leitura dos artigos possa ampliar o mosaico interpretativo das pesquisas-ações colaborativas. Desejamos uma boa leitura!

Maria Amélia Santoro Franco

ameliasantoro@uol.com.br

Universidade Católica de Santos, Brasil

Ana Margarida Veiga Simão

amvsimao@psicologia.ulisboa.pt

Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal

Referências

- Barbier, R. (2002). *A pesquisa-ação*. Tradução Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora.
- Desgagné, S. (2007). O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação em Questão*, 29 (15), 7-35.
- Effgen, A. (2016). Pesquisa-Ação: Possibilidades no Contexto Educativo. *Estreialógos*, Revista da Rede Internacional de Investigação-Ação Colaborativa, 1 (1), 76-93.
- Elliot, J. (1991). *Action research for educational change*. Filadélfia: Open University Press.
- Ellsworth, E. (1989). Why doesn't this feel empowering? Working through the repressive myths of critical pedagogy. *Harvard Educational Review*, 59(3), 297-324.
- Figueiredo, E. D., & Veiga Simão, A. M. (2014). Desenvolvimento profissional e experiências críticas. In M. A. Flores, & C. Coutinho (Orgs.), *Formação e trabalho docente: tendências e desafios atuais* (pp.113-132). Portugal: De Facto Editores.
- Franco, M. A. S. (2005). A Pedagogia da pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa. *Revista da Faculdade de Educação da USP*, 31(3), 483-502.
- Gadamer, H. G. (1992). *Verdad y método II*. Salamanca: Sígueme.
- Kincheloe, J. L. (1997). *A formação do professor como compromisso político. Mapeando o pós-moderno*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Vieira, F. (2016). Investigação Pedagógica na Formação Inicial de Professores: uma Estratégia Necessária e Controversa. *Estreialógos*, Revista da Rede Internacional de Investigação-Ação Colaborativa), 1, 21-39.